

O DOM DE DESILUDIR
(Em torno de "O Corpo Falado", de Antônio Fausto Neto)

Paulo de Tarso Cabral Medeiros
Professor do Departamento de
Ciências Sociais da UFPb

"em cada signo dorme um monstro: o esteriótipo"

Barthes

NO CORAÇÃO DA RECEPÇÃO

Não temos tempo de temer a morte. E nem sempre disposição para estarmos atentos e fortes. Os semanários de informação que visam passar em revista a "atualidade" encontram, via de regra, no outro lado da ponta, um leitor já combalido, fatigado, dada à mutilação do corpo submetido ao trabalho autômato, à percepção subjugada a "chocs" diários que cabe à consciência aparar, e à sensibilidade embotada pelo massacre das informações incessantemente, bombardeadas e descoladas da experiência mais vital de cada um(quem lê tanta notícia?

Consumidor distraído, o leitor moderno conforma sua necessidade de descanso e de informação à diagramação da notícia breve e veloz e acomoda-se à superficialidade e à banalização da vida oferecida pelos discursos jornalísticos incansavelmente atrás do "novo". Economia de energia do corpo, economia da leitura resumindo "fatos", esta "adequação" entre produtores de notícias e leitores receosos de perderem "o que se

passa no mundo" engendra uma relação necessariamente semidistraída, o tempo da leitura ritmado pela velocidade e fragmentação contemporânea imprimindo novos automatismos ao tempo livre. Fragilidade de nossa porção "kid supérflua" por onde permitimos a incorporação de discursos e leituras que possam de reveladoras do real. Este real que, mutilado, mal discernimos por entre a infinidades de malhas discursivas que invadem nossos olhos e ouvidos a toda hora e em todo canto.

Esta espécie de resignação, de impotência diante da multiplicidade e da atomização do corpo, do cotidiano e da informação, tendem a fazer da leitura de jornais, periódicos, um ato de "adesão" à linguagem que instrumentaliza e constrói tanto a noção de real quanto de atualidade das coisas. Brecha desprevenida, essa forma de fé na fala do "outro sujeito suposto saber" que é o jornalista, dá-se de bandeja como crença na engenharia operatória dos discursos ditos informativos que nos envolvem.

De qualquer modo, a leitura ainda é algo que guarda certa autonomia em relação a outros meios mais imediatamente poderosos de comunicação, e de persuasão, como é o caso da televisão — que não dá muitas margens de resposta ou reação do lado de cá.

No mínimo, podemos dispensar de participar deste festival de banalização da vida, dos acontecimentos e dos reinos fantasiosos do poder, seja o das cortes festivas brasilienses, seja o dos ídolos perfilados nas passarelas de neon.

Mas a própria e urgente necessidade de tentar saber, de algum modo, o que se passa no mundo nos impede de adotar esta atitude de recusa, de tal modo que passamos a tomar como "lirica" a genial proposta de Swann, personagem de Marcel Proust, que numa roda social parisiense, divaga sobre estes "aborrecidos jornais que agora nos julgamos obrigados a ler pela manhã e à noite".

"O que censuro aos jornais", diz ele, "é fazer-nos prestar atenção todos os dias a coisas insignificantes, ao passo que lemos três ou quatro vezes na vida os livros em que há coisas essenciais. De vez que rasgamos febrilmente cada manhã a faixa do jornal, deviam-se então mudar as coisas e pôr no jornal, digamos. . . Os Pensamentos de Pascal (acentuou o título com uma ênfase irônica para não parecer pedante). E no volume de corte dourado que só abrimos uma vez cada dez anos — acrescentou, testemunhando pelas coisas mundanas esse desdém que afetam certos homens de sociedade — é que le-

ríamos que a rainha da Grécia foi à Cannes, ou que a princesa de Léon deu um baile à fantasia. Com isto, estaria restabelecida a justa proporção."

Pura poesia à esta altura do campeonato. Resta-nos encarar de modo crítico estes discursos jornalísticos. Ou então, ler as notícias como se lê ficção: diversão e desejo: fazer de conta; crer, no fundo, que aquilo é verdade. Carência de aderir, de delegar, já que uma boa parte dentro de nós todos quer, gostaria e precisa acreditar que o real faz sentido (ou que a fala dos políticos vincula-se organicamente às suas ações), que o real de fato procede por acumulações linearmente coesas, progressivas. Como gostamos, num certo momento da história do país, de acreditar que um certo personagem chamado Tancredo Neves significava, enfim, uma possibilidade de mudança real, mudança e esperança personalizada e encarnada nele próprio. Projeção e personificação do desejo de justiça, que rapidinho viraria martírio e incredulidade diante da agonia e da lenta dança da morte que envolveria não só o corpo e a vida do presidente eleito mas a gama variada de expectativas e discursos que foram sendo construído no compasso deste drama de muitos atos.

Para desanuviar e revelar alguns bastidores que sofreram e produziram este drama (que contém também a face trágica e autoritária que estrutura a informação e a política de informação oficial no país). Fausto Neto produz um belo e precioso ensaio, permanecendo atento àqueles focos onde se ativa os dizeres que engendram poderes, ali nas entrelinhas, das revistas onde também o poder se exerce, se acumula, onde se finge saber, onde se ilude o leitor distraído via técnicas e modos de operar a linguagem fingindo-se não poder.

Antônio Fausto Neto é professor de Comunicação Social na Universidade Federal da Paraíba. Recém-lançou "O Corpo Falado (A doença e morte de Tancredo Neves nas revistas semanais brasileiras)", UFPb/PROEDE-MEC, João Pessoa, 1988. Com uma estrutura narrativa atraente que sacode a passividade do leitor e aguças os sentidos, o que Fausto faz é um trabalho de escuta intimista, e por isso fecunda. Aí sim, o real, e a linguagem decifrando-se enquanto decifra algumas falas outras toca de novo a vida que de fato vivemos, e nos convida a olhar de outro lugar as revistas que sempre ou quase sempre distraidamente lemos.

Estamos sempre lendo textos de gente que escreve sobre homens que detêm poder, prestígio, ou são móveis de curiosidade ou glosa. "O Corpo

"Falado" é sedutor e bastante para atrair-nos para o aconchego dos bastidores do jornalismo semanal, para fazer recostarmos-nos próximo à lareira ou à varanda e agora sim, agradavelmente estimulados à leitura, religarmos as antenas críticas e examinar, junto com o autor, as condições de produção destas maquinárias discursivas. Vamos aos poucos desassossegando os hábitos de quase-ler e mirando os mecanismos desta produtividade engenhosa de dizeres que não postulam recusar-se à razão instrumental mas que se pretendem combatente de seus "desvios".

Aquele que já nos ensinara a olhar com outros dispositivos os mecanismos de produção do jornalismo de tevê, nos repõe, agora, em contato com as tramas insidiosas das revistas no momento em que trataram do fato Tancredo Neves. Reside aí, nesta desautomatização da percepção, neste chamamento à atenção crítica do leitor, a fundamental inserção do livro de Fausto no campo das reflexões sobre as linguagens e seus poderes nos meios de comunicação de massa. E claro: devolver a cada um de nós, leitores, a dignidade do ato de leitura, e a liberdade de ler, de aprender ou reaprender a ler sem aderir, a ver desconfiando, a repensar juntos como atuam certos poderes. Para quem sabe vê-los um dia apodrecerem, abandonados à sua ilusão de onipotência.

Espécie de exercício de intermitente e contínua "retificação progressiva das ilusões", a linguagem de "O Corpo Falado" partilha daquilo que sobrou de saudável na tarefa intelectual, isto é, a desmistificação e a redução das ilusões.

Como diz Paul Ricouer: "a situação que hoje em dia se confere à linguagem, comporta essa dupla possibilidade, essa dupla solicitação, essa dupla urgência: de um lado, purificar o discursos de suas excrescências, liquidar os ídolos, ir da embriaguez à sobriedade, elaborar um balanço de nossa pobreza; do outro, fazer uso do movimento mais "nilista", mais destruidor, mais iconoclasta, para "deixar falar" aquilo que uma vez, aquilo que cada foi "dito" quando o sentido reapareceu, quando o sentido era pleno".

Movemo-nos hoje por entre os tênues fios desta dupla tentação: a vontade de ouvir, a vontade de suspeitar; desejo de rigor, desejo de obediência. Somos hoje, diz Paul Ricouer, "esses homens que não terminaram de matar os "ídolos" e que mal começaram a entender os símbolos. Talvez essa situação, em sua aparente desolação, seja instrutiva: talvez o

iconoclasmo extremo pertença à restauração do sentido”.

Talvez habite aí o sentido radical do instigante livro de Fausto Neto.

E talvez a razão pela qual sentimos na leitura, vez por outra, algo como uma sacudidela de riso, aquele riso restaurador, pós-destruição e restrição dos sentidos, que parece animar de lucidez a prosa restauração aderente do “Corpo Falado”.

NO CORPO DAS REVISTAS

E o que é que, por obra de uma linguagem crítica e atraente, esta presença de espírito reanimada nos convida a “ver”?

Vemos muitas das máscaras dos nossos interlocutores, os que escrevem nestas revistas semanais. Não fosse por outras qualidades, só esta tornaria urgente a o leitura do livro.

Nossos informantes semanais (para além da boa-fé e do esforço em desbloquear os muros se ocultam de fato as formas em que o poder oficial se atualiza e se reproduz) operam por meio de dispositivos que acobertam e escondem o ainda prestigiado “mito da objetividade”. Fazem de conta que são oniscientes, falam às vezes por dentro da cabeça ou do âmago do hábito (.) do sujeito fonte. Estão em todos os lugares e têm certos poderes que fariam “he man” e os deuses morrerem de rir: – “por dentro não só da cena, mas da própria subjetividade do outro”. Nociva pretensão de ubiqüidade. (Ver pg. 36 a 44).

E o livro é farto em mostrar, via desativação de dispositivos linguageiros, como agem estes mecanismos. Mas o que importa aqui é enumerar outros destes dispositivos de poder fabricados no texto impresso. A fim de sugerir ao leitor a riqueza contida no livro mas, principalmente para chegar (e tentar sair) à vertigem que envolve a questão da “inter-subjetividade”: ponto de ancoragem onde a bateria crítica de Fausto vai nos (des)alojar.

A pauta que constrói a noção de atualidade inclui a “personalização” dos acontecimentos, “através da angulação dada a um determinado ator com quem o fato guarda relações” (pg. 70); supõe a “naturalização” dos fatos, onde tudo “faz parte da miséria humana” (pg. 67); a estratégia de atualidade implica ainda na “vedetização dos acontecimentos ou dos seus personagens” e na “recorrência ao campo simbólico dos leitores”. E neste sen-

tido, o exemplo da passagem do modelo técnico-científico para o religioso-transcendental como ressemantização do que acontecia com o corpo — Tancredo constitui-se num dos momentos em que o texto de Fausto cintila de densa luminosidade. (Ver pg. 80).

É verdade que boa parte do país desorientou-se naqueles longos dias de agonia do presidente eleito. Desorientação também derivada da impotência da mídia em dar conta do que se passava naquela “caixa de concreto” instalada na UTI da pailicéia. Mais o que cintila aí como uma espécie de perspicácia transversal do público é o fato de que diante da “pouca transparência existente entre a cena oficial e a cena jornalística” e do “protesto de outros imaginários diante da orquestração e dos rituais da política de informação posta em prática”, a “população passa, segundo seus modelos explicativos, a construir suas versões para explicar a agonia de Tancredo: “mau olhar”, “feijoadada envenenada”, vítima de tiro à base de arma silenciosa”, etc. (pg. 107).

Evidente que há “razões de Estado” que explicam a dificuldade da imprensa em relatar o que se passava com Tancredo. E o livro não ignora, ao contrário, incorpora na reflexão esta dificuldade. De qualquer modo, a questão examinada com argúcia por Fausto pode ser resumida na idéia de que “cada campo de conhecimento discursivo é constituído por um ritual que funciona nomeando e regulando a própria realidade à sua racionalidade”. (pg. 160).

Eis o ponto (aliás, típico da modernidade): cada campo de conhecimento se autonomizando institui-se mais ou menos como uma “tribo”, no sentido de que produz e retém mitologias próprias e que são de algum modo irredutíveis a outros campos. Espantosa torre de babel que estremece o branco do papel do redator semanal.

O ENCONTRO DE SUBJETIVIDADES

A linguagem jornalística é conhecida como instrumento, “meio” para veicular informação. Reluta em aceitar o fato de que “toda e qualquer linguagem é fenomenológica e sociologicamente situada.” A começar pelo corpo que a emite, “espaço contra a partir de mim como ponto ou grau zero da espacialidade. Eu não o vejo (o outro) segundo o seu invólucro exterior, vivo-o por dentro, estou englobado nele. Afinal de contas, o

mundo está em torno de mim e não adiante de mim", diz Merleau-Ponty.

E diz mais: "a linguagem não pressupõe uma tábua de correspondência, ela mesma desvela seus segredos, ensina-nos a qualquer criança que venha ao mundo, é toda mostraçãõ. Sua opacidade, sua obstinada referên-
cia a si mesma, suas voltas e redobros sobre si são precisamente o que fazem dela um poder espiritual: com efeito, torna-se por sua vez algo como um universo capaz de abrigar em si as próprias coisas, depois de tê-las mudado para seu sentido".

É este universo autônomo, aqui, o universo jornalístico, que cabe reconhecer e delinear. É percebendo-se autônoma relativizar-se, restabelecendo pontes entre seu universo e os outros.

A intersubjetividade é primordialmente um fenômeno corporal. É linguagem encarnada. Este é talvez o passo a seguir a dar, entrevisto na reflexão de "Corpo Falado". Ultrapassar o mito da objetividade, destruindo-o, para retomar como problema a questão da intersubjetividade.

Sendo corporal, este abismo de mim ao outro só pode ser palmilhado a partir do reconhecimento de que nada sabemos do outro. O que o discurso jornalístico recusa a ver. E Fausto nos mostra bem o caráter fantasioso e autoritário enrustido na pretensão de objetividade.

Percebendo a insuficiência destes vôos sobrevoantes o que parece restar (uma vez destruída, de modo afiado e sutil, o mito da objetividade) será interrogação o mistério da intersubjetividade e o modo possível de uma prática jornalística que reponha sem disfarces o problema: "como aproximar-se do outro sem transformá-lo em simulacro opaco de mim mesmo? E como ditanciar-se para vê-lo com novos olhos sem perder-lhe o eco e seus contornos? Resta, no mínimo, assumir o risco da afasia; como retomar como minha fala prolixa e insubstituível do corpo outro?"

Radicalizando a interrogação caberia, ao fazer jornalístico questionar mais fundamente sua prática. E o livro de Fausto é um sugestivo modo de começar ou continuar a fazê-lo. Como? Embarcando na vertigem problemática que envolve o arco tenso da intersubjetividade: "em que medida aquilo que sabemos dos outros (por indicações, testemunhos, obras e acontecimentos) remete-nos de fato ao outro, ou apenas circunscreve, no campo aberto das relações interpessoais múltiplas e diferenciadas, no jogo fugídio das estratégias de desejos, interesses e poderes, um espaço perceptivo fundante a estruturar as relações singularizadas?"

Porque nada (ou quase nada) sabemos dos outros, e porque o outro não é desnudável sem que eu me desnude junto com ele, é que precisamos, primeiro, depositar nossas próprias pedras neste intrincado tabuleiro, declará-las, declarando sempre que possível nosso jogo.

Por esta senda, no entremeio deste ziguezague linguajeiro, quem sabe o espaço da informação figurasse num mapa menos manchado de interesses e pretensões, inconfessáveis. Do lado do poder de estado já o sabemos: a ele não interessa que os bastidores aproximem-se para o primeiro plano, o poder quer totalizar; do lado dos jornalistas, resta-lhes escolher entre o exercício fingido do poder, ou experimentar outras formas de linguagem em que o que se possa ver não seja o simulacro do outro nem somente a subjetividade situada de quem olha, mas o "resultado deste encontro de subjetividades"

Esta terceira margem da lauda nos daria, talvez, configurações menos dissimuladas, mais próximas da experiência que deveria transmitir. Já que parece não haver dúvidas de que a própria "maneira pela qual" jornalista e informante, repórter e objeto noticioso "construirão" a relação será de densidade relevante para a definição dos limites e a compreensão dos enunciados informativos.

Aí (e este é mais um dos tantos méritos de "Corpo Falado") um modo possível de reencontrarmos o próprio "limite" interposto neste encontro de subjetividade que criam uma terceira dimensão: a "tradução" que é o que, no entender de Lévi-Strauss, na verdade deve resultar, sem falsas pretensões positivas, deste diálogo daquele que quer informar com aquele que tem ou quer produzir a informação.

O mais, diria Adélia Prado, são as mal-traçadas linhas.